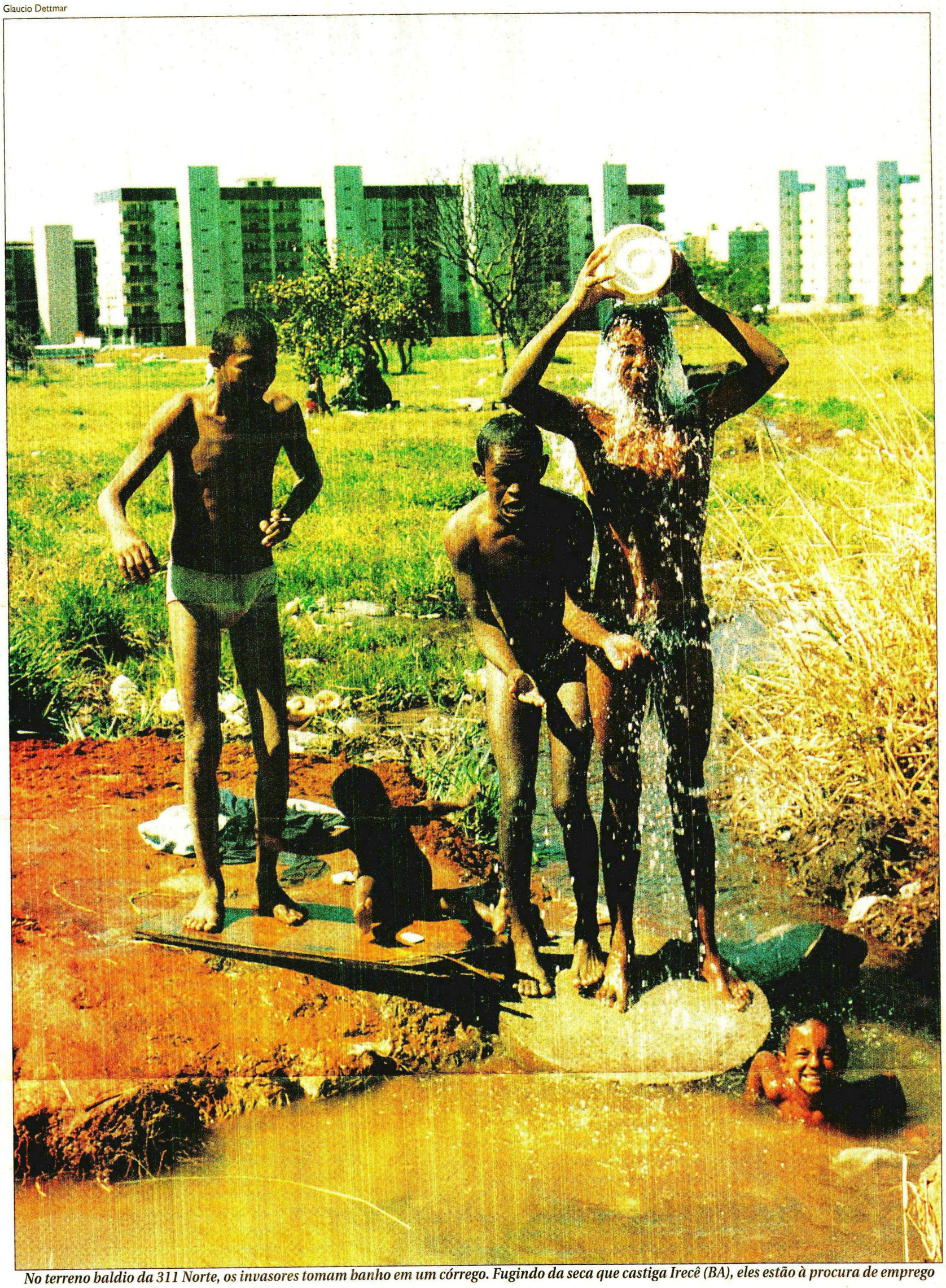
INVASÃO TAMANHO-FAMÍLIA

Glaucio Dettmar



No terreno baldio da 311 Norte, os invasores tomam banho em um córrego. Fugindo da seca que castiga Irecê (BA), eles estão à procura de emprego

Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

Uma família de aproximadamente 30 pessoas está morando em terrenos baldios das quadras 311 e 716 Norte. Assis de Freitas, 55 anos, diz que é uma espécie de patriarca e conta que eles vieram em ônibus fretado de Salvador, em março. Segundo ele, todos são desempregados de fazendas de Irecê, na Bahia, e deixaram o estado com o apoio dos órgãos de assistência social do governo.

Assis afirma que o ônibus foi alugado pelo governo em Salvador. "Vieram umas 50 pessoas, umas sentando no colo das outras. Vieram velhos, moços, gente mamando e caducando", afirma. Relata que depois de quase três dias e duas noites de viagem, desceram na rodoferroviária do Plano Piloto. "Um sofredor igual a nós nos ajudou, informou onde a gente poderia ficar, mandou aqui pra quadra."

SECA

A diretora da Secretaria de Ação Social do município de Irecê, Terezinha Alves Vieira, diz que a cidade sofreu quase cinco anos de seca, provocando uma redução de 80% da produção do feijão, milho e mamona. "Esse ano melhorou, mas acho que uns 30 a 40% da população deixaram a cidade em anos anteriores. Foram para Barreiras (BA), São Paulo, Minas Gerais e Brasília." Ela garante que a prefeitura local não se livrou dos desempregados com doações de passagens de ônibus.

Segundo o secretário de Trabalho e Desenvolvimento Social de Salvador, Antônio Rodrigues, da capital baiana também não partiu nenhum ônibus fretado para despejar gente pobre no Distrito Federal. "É mentira. Sabemos que Brasília tem dificuldades. Isso é criação. Seria estupidez encher um ônibus de pessoas sem qualificação e mandar para Brasília."

Antônio Rodrigues garante que o órgão de assistência social do governo do estado tampouco deu passagens de ônibus para os baianos chegarem em Brasília. "Trabalhamos em conjunto. Temos casa de passagem de migrantes em Salvador. No máximo, oferecemos passagens de retorno ao interior da Bahia ou para outros estados em caso de problemas de saúde, com a comprovação da reserva no hospital", ressaltou.

CACHAÇA

Assis Freitas diz ser vaqueiro e saber trabalhar muito bem com máquinas agrícolas. Afirma que ele e os parentes estão procurando emprego em Brasília. Nove adultos e quatro crianças estavam ontem no terreno baldio (SQN 311) ao lado dos prédios da 312 Norte.

Provavelmente atraídos por uma correnteza de água no local, sete homens e duas mulheres) — todos entre 20 e 25 anos, com exceção de Assis — fizeram a festa, banhando-se e fazendo algazarra. Entre a noite anterior e 13h de ontem, beberam doze litros de cachaça.

"É para ter coragem de passar a noite. Já fui agredido por quatro bandidos em um barraco em Taguatinga Norte. A gente tem que dormir um pouco de cabeça feita", justifica Assis. Ele diz que não sabe quanto tempo vão ficar na Asa Norte.

A família já tem pelo menos uma agregada. É Marinalva Rodrigues dos Santos, de 24 anos, que mora em Planaltina. Ela é mãe das quatro crianças que também mergulham no córrego. Um de dois anos anda descalço, com a barriga enorme. Gustavo tem cinco anos. Ana Paula e Adriana tem 10 e 12 anos. Nunca foram à escola.

MEMÓRIA

HISTÓRIA QUE SE REPETE HÁ DEZ ANOS

A visão de barracos de madeira e papelão, esgoto a céu aberto e migrantes esfomeados é desagradável em qualquer parte. No Plano Piloto — onde se concentra a população de média e alta renda do Distrito Federal — ela é insuportável.

Se os miseráveis se escondem debaixo das pontes ou atrás do Tribunal de Contas da União — como na Invasão do Papel — até passam despercebidos. Mas ocupar as superquadras é uma proeza temerária. Por isso, os 30 invasores das quadras 311 e 716 Norte correm o risco de acabar como os 350 ocupantes da favela da 110 Norte, que foram expulsos do local, há quase dez anos, por mais de 1.200 policiais.

No dia 16 do mês que vem, a operação de retirada completará dez anos. Na manhã daquele dia, os policiais impediram a reação dos invasores enquanto funcionários do Serviço Autônomo de Limpeza Urbana (SLU) colocavam os barracos abaixo, usando pés-de-cabra.

De longe, os invasores assistiam à destruição. No final, máquinas motoniveladoras foram usadas para acabar com os últimos sinais da favela. Só restou poeira.

Moradores apenas olham

Os vizinhos à invasão da quadra 311 Norte entram nos apartamentos e esquecem o que acontece nas ruas. Mesmo quando os invasores cruzam as áreas de seus prédios com paus e pedras nas mãos. A maioria das pessoas não se incomoda com a presença deles.

A publicitária Lilian Knapp mora no bloco D, da 312. "Essa quadra já tem fama de gangues. Aqui tem muito assalto. Nem vi se há invasores no terreno aí do lado. Até porque é meio esquisito, descampado, a gente passa e nem olha. Até porque passo o dia inteiro fora de casa", afirma.

O síndico do bloco C, Manoel Lúcio da Silva, tampouco se incomoda. "Invasão é uma coisa triste. Mas o que fazer? Eles têm direito de ir e vir." Ele é contra os condomínios fechados e comenta que Brasília não tem mais empregos para tanta gente que chega na cidade.

Outras pessoas que preferem não se identificar, porém, não gostam nem um pouco dos novos vizinhos. Uma das empresas perto da quadra foi obrigada a contratar um vigilante para evitar problemas. "Não acusamos ninguém, mas o fato é que os pequenos roubos aumentram."

Um homem que não quis se identificar aponta um dos rapazes que passa correndo com um pedaço de pau, chamando outro para briga. "Eles fazem farra, algazarra, bebem muito. E ficam por aí, rasgando sacos de lixo para ver se encontram alguma coisa", conta.

Entre vizinhos que conversam sobre o assunto, no prédio D, uma senhora comenta. "Agora mesmo passou um aqui, só de cuecas." Mas geralmente as pessoas parecem nem ver que passa nas entrequadras.